

O Brasil e o ciclo longo

Ignácio M. Rangel

É tempo de que recapacitemos nossa atitude equivocada relativamente à teoria dos ciclos econômicos. O caso é que, depois de uma aceitação talvez demasiado entusiástica, e que teve seu ponto mais alto no monumental "Business Cycles", de J. Schumpeter, em finais dos anos 30, houve como uma conspiração de silêncio, em torno dessas teorias. Que eu o saiba, "Business Cycles" não mereceu nova edição e, por outro lado, N. Kondratiev, cujo nome Schumpeter propôs para os ciclos longos, findou seus dias obscuramente, na Sibéria, possivelmente como mero incidente das batalhas políticas que marcaram, na União Soviética, a implantação do I Plano Quinquenal e a coletivização forçada da agricultura.

Compreende-se: no chamado Ocidente, isto é, no mundo capitalista, falar em ciclos econômicos nas condições do pós-guerra, quando, entre 1948 e 1973 a produção industrial cresceu 4,1 vezes, ou 5,8 por cento ao ano, podia parecer coisa de mau agouro, porque é próprio das ondas alternarem as fases altas com as baixas — ou vacas gordas com vacas magras; no chamado Oriente, isto é, no mundo socialista, a idiosyncrasia anticíclica era mais antiga ainda, porque implicava certo fatalismo, que podia desmerecer o entusiasmo com o planejamento econômico, que, parecia, havia mandado para o lixo da história as sobrevivências burguesas, entre as quais arbitrariamente era posta, também, a teoria dos ciclos. Tanto mais quanto, a fortiori, devia parecer de mau agouro falar-se em ondas econômicas num quartel de século em que a produção industrial soviética, segundo informações aceitas pela ONU, crescia 12,4 vezes, ou 10,6 por cento ao ano.

O Brasil, em lua-de-mel com a moderna teoria econômica — em ambas as versões indicadas, isto é, a Ocidental e a Oriental — tampouco queria ouvir falar em ciclos. No período citado e continuando um impulso que pode ser datado de 1932, o mesmo indicador dava-nos um crescimento de 8,7 vezes, isto é, 9,0 por cento ao ano. Espantoso para um país que saíra de uma crise profunda que, num movimento somente comparável com o de meio século antes, aproximadamente — não por acaso, suponho, um Kondratiev inteiro — nos dera, com as "revoluções" de 1930 e 1937, o paralelo com a Abolição-República. Por que falar em ciclos num país assim?

As universidades, lá e cá — isto é, de ambos os lados da Cortina de Ferro e, muito naturalmente, no Brasil — praticamente deixaram de falar nesse assunto, carregado de mau agouro, que, estando a humanidade na crista da onda, ou se o preferirmos, num período de vacas gordas, vinha, como o profeta hebreu, falar em vacas magras aos exultantes faraós e seu povo. Mesmo minha querida amiga Con-

ceição Tavares referia-se aos ciclos como uma ilusão estatística, isto é, como coisa que não devíamos esperar viesse a repetir-se. Parece que somente este vosso criado, do seu canto obscuro e sem cátedras que amplificassem sua voz, continuou, no Brasil, a estudar e a pensar em ciclos. Cúmulo dos pecados: a falar em ciclos.

Outros, que não eu, critiquem os mestres por sua atitude que, a esta altura, não pode haver dúvida de que estava equivocada. Sobretudo, que critiquem Stálin pelo destino dado a homens como Kondratiev e Bukharin. É fácil criticar, quando não se tem nas mãos a crua tarefa de preparar a União Soviética — e o Mundo, inclusive o Brasil — contra o fascismo nascente. Se houvesse a perspectiva de vinte anos de paz, Bukharin teria estado certo em sua oposição à coletivização, e Kondratiev estaria justificado quando, mesmo sem dizer uma palavra, suas curvas prenunciavam para o capitalismo não o colapso inevitável, implícito na versão corrente da teoria da crise geral do capitalismo, mas, passados apenas três lustros, catastróficos, uma retomada do desenvolvimento, que bem poderia ser dita de catastrófica, também. Ao que parece, Kondratiev pagou com a vida sua própria genialidade. Coisas que acontecem.

Mas isso não quer dizer que Robespierre, Danton e Marat, que pagaram com a vida o seu trabalho de artifícies da potência que deu a Napoleão os exércitos com os quais varreu o feudalismo caduco da face da Europa, também não tenham sido gigantes. Assim, também, foram dignos filhos do seu tempo: Keynes, Roosevelt e Schacht, que, ao seu modo, revelaram à humanidade um potencial produtivo enorme, que aí estava, embora nem sequer dele suspeitássemos, como o foram Bukharin e Kondratiev, que pagaram com a vida suas ideias. Sem que isso nos obrigue a achar que Stálin era um débil mental e não o gigante que foi, que criou e usou, via planejamento, um potencial que os contemporâneos não acreditavam ser sequer possível.

Pensemos, assim, com respeito, de nossa experiência nacional neste meio século do que já vai de século XX. Se é certo, como ensinou Marx, que a história, a rigor, não se repete, não é menos certo o ensinamento de Cícero de que "a história é a mestra da vida". Uma mestra cujos ensinamentos devem ser recolhidos *cum grano salis*, mas que, afinal, não podem, nem devem, ser esquecidos.

Devemos estudar, por exemplo, por que nas condições da grande depressão mundial, aberta com a "quinta-feira negra" de 1929, o Brasil achou meios de desenvolver-se a ritmos extraordinários, durante os três lustros finais da fase "b" do III Kondratiev e por toda a fase "a" do IV Kondratiev e mais além, até 1980. Nossa proeza não teve

muitos êmulos, no mundo, pondo de parte a União Soviética, que a superou.

O Collor que nos guia os destinos, hoje, não se parece com aquele outro Collor que, sob o comando de Getúlio Vargas, legou-nos um direito trabalhista que nós, os contemporâneos, tivemos dificuldade em aceitar, por sua inspiração formalmente fascista e corporativa, vale dizer, feudal. Mas que o operariado industrial nascente, com a indústria, aceitou com entusiasmo, quando desceu às ruas sob o lema: "Queremos Getúlio". Sem isso, o capitalismo industrial, nascido com a substituição de importações que nos foi imposta pela grande depressão mundial do III Kondratiev, teria gorado, como temos agora o dever de sabê-lo.

Ora, nem o Brasil, nem a União Soviética, estão repetindo as proezas do III Kondratiev, nesta fase "b" do IV. Mas outros países estão fazendo, como se a vaga cíclica, ao quebrar-se em suas praias, muda de sinal, invertendo a conjuntura implícita. Como é o caso dos "tigres asiáticos", de ambos os lados da velha Cortina de Ferro, e com a China Popular à frente. Esses países têm em comum, entre si, e conosco, brasileiros e soviéticos dos anos 30, o fato de contarem com as condições objetivas para arquitetar ambiciosos "planos" de desenvolvimento — mesmo preterintencionalmente, como o foi o nosso dos anos 30.

E fazê-lo à base de uma tecnologia já provada nos países de vanguarda, sem aguardarem, portanto, como estes, o amadurecimento de inovações tecnológicas ainda em prancheta. O que, afinal, é ainda o nosso caso: por exemplo, não seria mister reinventar a ferrovia, para promovermos um programa de radical reforma do traçado e da técnica do nosso sistema ferroviário. É visto como isto não se limita à ferrovia, mas aos grandes serviços de utilidade pública em geral, não há por que não nos inscrevermos, prontamente, entre os "tigres asiáticos".

Essa "revolução" exige, por certo, inovações institucionais, mas é bom que não exageremos o escopo destas, exigindo uma remodelação radical da sociedade e do Estado. De imediato, o que importa é promover uma revisão do direito de concessão, para privatizar os serviços e, assim, refundir o direito de garantia, possibilitando o uso da hipoteca, hoje inaplicável a esses serviços. Outras inovações institucionais virão, por certo, mas a seu tempo. Afinal, é da passagem gradativa do capitalismo industrial para o capitalismo financeiro que se trata — mudança de fundo, e não de superfície, como essa caricata batalha contra a inflação, à base de medidas contra-indicadas, como a terapêutica da recessão e do desemprego.

Ignácio M. Rangel é economista